

**A REPRESENTAÇÃO DO ESCRAVO NEGRO NO REGIME
ESCRAVOCRATA BRASILEIRO EM TEXTO MULTIMODAL A
PARTIR DA OBRA *CASA-GRANDE & SENZALA*:
REPRESENTAÇÃO ABOLICIONISTA OU ESCRAVOCRATA?**

**THE REPRESENTATION OF THE BLACK SLAVE IN THE BRAZILIAN
SLAVERY REGIME IN MULTIMODAL TEXT FROM THE WORK *CASA-
GRANDE & SENZALA*: ABOLITIONIST REPRESENTATION OR SLAVERY?**

Adelson Florêncio de Barros, UFAM¹

RESUMO

Este texto está situado no campo da Análise Crítica do Discurso com a vertente sociocognitiva (DIJK, 1997), social (FAIRCLOUGH, 2001; THOMPSON, 2011) e da Semiótica Social (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Tem por tema A representação do escravo negro no regime escravocrata brasileiro em texto multimodal a partir da obra *Casa-Grande & Senzala*: representação abolicionista ou escravocrata?. Tem-se por objetivo principal resgatar as estratégias argumentativas na composição textual-discursiva e verificar a inter-relação entre imagens e o verbal, bem como responder a questão: Gilberto Freyre, em *Casa-grande & Senzala*, produz seu texto como um conservador escravocrata ou reacionário abolicionista?. O *corpus* é composto por imagens que tematizam a época da escravidão. Tem-se por resultado que Freyre é guiado por uma ideologia do poder patronal rural açucareiro pernambucano, cancelando, em sua obra, a crueldade, o sadismo e a exploração excessiva da mão de obra escrava e privilegia o papel da escrava, transmissora da cultura afro na miscigenação cultural e social brasileira, de forma a construir o mito da sensualidade da negra. Ao tratar da origem da sociedade brasileira e do patronato no Brasil, projeta o ponto de vista conservador e escravocrata.

Palavras-chave: Texto multimodal. Representação social. *Casa-Grande & Senzala*. Análise Crítica do Discurso.

ABSTRACT

This article is situated in the field of Critical Discourse Analysis with the sociocognitive (DIJK, 1997), social (FAIRCLOUGH, 2001; THOMPSON, 2011) and Social Semiotics (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) aspects. Its theme is The representation of the black slave in the Brazilian slave regime in a multimodal text based on the work *Casa-Grande & Senzala*: abolitionist representation or slavery?. The main objective is to rescue the argumentative strategies in the textual-discursive composition and to verify the interrelation between images and the verbal, as well as to answer the question: Gilberto Freyre, in *Casa-grande & Senzala*, produces his text as a slave-holding conservative or abolitionist reactionary?. The corpus is composed of images that thematize the time of slavery. The result is that Freyre is guided by an

¹ Endereço eletrônico: adelsonbarros@ufam.edu.br

ideology of the rural sugar power of Pernambuco, canceling, in his work, cruelty, sadism and the excessive exploitation of slave labor and privileges the role of the slave, transmitter of Afro culture. in the Brazilian cultural and social miscegenation, in order to build the myth of the black woman's sensuality. When dealing with the origin of Brazilian society and employers in Brazil, he projects a conservative and slave-holding point of view.

Keywords Multimodal text. Social Representation. Casa-Grande & Senzala. Critical Analysis of Discourse.

Introdução

Este texto está situado no campo da Análise do Discurso Crítica (ADC) e tem por tema A representação do escravo negro no regime escravocrata brasileiro em texto multimodal a partir da obra *Casa-Grande & Senzala*: representação abolicionista ou escravocrata?, por meio das estratégias argumentativas utilizadas pelo produtor de textos multimodais para a representação do negro na sociedade brasileira. Objetiva-se: resgatar as estratégias argumentativas na composição textual-discursiva e verificar a inter-relação entre imagens e o texto verbal, bem como responder à questão: Gilberto Freyre, em *Casa-grande & Senzala*, produz seu texto como um conservador escravocrata ou abolicionista? O texto multimodal apresenta dificuldades para a sua compreensão, por ter sido o letramento, por muito tempo, direcionado para o texto verbal, razão essa que evidencia a necessidade de investigar a produção desses textos.

Kress e van Leeuwen (1996), preocupados com a multimodalidade, ao tratarem da mudança social ocorrida, durante a pós-modernidade, definem o texto multimodal como um produto do discurso, visto como uma ação, que combina o verbal com imagens e cores em uma semiose. Com a mudança social, os textos multimodais são colocados em uso por modos semióticos que se inter-relacionam de várias formas; assim, as representações verbais e visuais não podem se equivaler, pois completam-se ou mesmo contradizem o verbal. Frente ao exposto, justifica-se a pesquisa realizada. Além disso, as relações gramaticais funcionam ideologicamente, pois as representações contidas nelas são significativas e contribuem para a reprodução da ideologia de suas relações de dominação social, que a ADC objetiva denunciar.

Sendo assim, faz-se necessário recorrer à compreensão das transformações socioeconômicas, políticas, linguísticas e culturais, entre outros aspectos que auxiliam na verificação das avaliações ideológicas contidas nas representações, em língua, feitas

por Gilberto Freyre, para representar os papéis sociais atribuídos aos escravos e às escravas na obra *Casa-Grande & Senzala*.

Dessa forma, torna-se relevante investigar o ponto de vista com o qual focaliza a escravidão brasileira, para a compreensão do discurso utilizado por Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala*.

Por conseguinte, é interessante investigar, por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD), como são construídas as representações dos negros e de seus senhores em *Casa-Grande & Senzala*.

O material analisado é constituído a partir de uma revista de História do Brasil. O corpus é constituído por uma pintura de (van Couwenbergh, 1632) “Three young men and a black woman” e por uma imagem de capa da revista impressa *História em Foco – História da Escravidão* - Ano 2, número 3 – 2017, tendo como texto-base uma imagem do artista Jean-Baptiste Debret, intitulada “O jantar”². A revista trata da divulgação científica que se instaura com a intersecção dos discursos: científico, jornalístico e propagandístico. O método é qualitativo baseado em um procedimento teórico-analítico. O resultado apresentado compõe uma pesquisa mais ampla sobre as representações discursivas, ideológicas e culturais da escravidão brasileira.

Considerações teóricas:

A Análise Crítica do Discurso analisa textos concretos, curtos e longos de interação social e caracteriza-se por uma visão crítica própria e específica para focalizar a relação existente entre a linguagem e a sociedade, além da relação existente entre a própria análise e as práticas sociais e discursivas analisadas. Dessa forma, a ADC focaliza, de modo multi e transdisciplinar, as relações entre sociedade e discurso, de acordo com Fairclough (2001), tendo por ponto de partida a dialética entre o social e o uso individual e intencional da linguagem.

Segundo Fairclough (2001, 2008), a prática discursiva se realiza como forma linguística, ou seja, como texto. Assim, a análise de um discurso como prática discursiva dá atenção aos processos de produção, de distribuição e de consumo do texto.

² Também disponibilizada no site www.loja.editoraastral.com.br.

A visão crítica está centrada em problemas sociais e busca analisá-los tanto em relação aos elementos das práticas sociais quanto aos das práticas discursivas, responsáveis pela produção interacional de textos. Para tanto, a argumentação é a arma mais útil do poder.

A vertente da semiótica social

A semiótica social, representada por Kress e van Leeuwen (1996; 2001) preocupa-se com a análise de textos multimodais, compostos com imagens, cores e múltiplos modos de representação semiótica, bem como com o verbal e a imagem. Logo, escolha, saliência e localização de imagens e enunciados verbais obedecem a uma gramática, orientada pelas práticas discursivas responsáveis pela produção dos textos, gerando metáforas visuais.

Essa gramática tem sua origem no resultado de uma solicitação contínua por métodos de análise para se entender a linguagem visual como um modo semiótico para operacionalizar a descrição das possibilidades concretas e sistemáticas de todos os significados veiculados na peça discursiva, a fim de revelar as estratégias que constituem o texto. Todas são interdependentes e têm uma motivação social e ideológica.

A Gramática do Design Visual (GDV), proposta por Kress e van Leeuwen (1996), é a descrição de como se organiza a sintaxe visual a partir da seleção, produção, organização e adaptação de uma série de recursos semióticos motivados socialmente.

A multimodalidade decorre das mudanças que têm ocorrido no cenário interacional da comunicação em que se verifica uma profunda dinâmica no sistema de mídia e nos modos de representação e de comunicação, bem como no seu sistema de valorização.

Kress e Van Leeuwen (1996) afirmam que a modalidade visual se baseia em padrões de realidade, determinados cultural e historicamente, e não na correspondência objetiva entre a imagem visual e a realidade, definida independentemente, pois uma determinada imagem contém um grande número de informações representacionais, composicionais e significações interativas.

O texto multimodal

Kress e van Leeuwen (1996) explicam que a pós-modernidade não é globalização. É pertinente colocar, primeiramente, a diferença entre modernidade e globalização para melhor entender a produção da multimodalidade na pós-modernidade. Dessa forma, a modernidade é globalizante, foi o momento em que se fundaram todas as comunidades internacionais, nacionais e territoriais. O movimento globalizante começou com os portugueses na época da navegação. A globalização é divulgar as individualidades para elas se tornarem sociais globalizantes, mas com a invenção das altas tecnologias, as pessoas deixaram de ser globais. Inicialmente, elas se globalizaram na informação, mas depois elas passaram a ser isoladas, comprometendo a intersecção social. Antes, até a modernidade, existia texto multimodal, porém esses textos multimodais, as imagens e as cores, reproduziam o verbal, mas, na pós-modernidade, mudaram tanto as formas de produção quanto a maneira de se analisar tais produções. Os autores verificaram que os textos verbais conseguem representar em língua certas coisas, mas outras não.

Segundo a Teoria da Multimodalidade, os textos são considerados multimodais conforme realizam sentidos múltiplos. Kress e van Leeuwen (1996) traçam quatro domínios da prática, na qual os sentidos são predominantemente realizados: discurso, enquanto conhecimentos da realidade socialmente construídos; design, enquanto a conceitualização da forma dos produtos e dos eventos semióticos no entremeio entre o conteúdo e a expressão; produção, enquanto articulação na forma material dos produtos e/ou eventos para produção material real do produto, envolvendo nesse processo tanto as habilidades tecnológicas e manuais quanto as visuais. Ao se inserir a habilidade discursiva e a dimensão ideológica no processo de produção, a prática discursiva ideológica passa a ser envolvida por três níveis: os processos de produção, distribuição e consumo de textos. Distribuição: é a divulgação dos produtos e dos eventos semióticos.

Na capa da revista selecionada e, a título de exemplificação, há um quadro que não trata da escravidão, pois a representação desse quadro está centrada na imagem e emoldurada com o verbal, pois o verbal modifica o visual. Na perspectiva historiográfica, os produtores da revista estão se referindo a qualquer sistema escravocrata brasileiro, mas no intertexto eles citam Debret. Assim, ao analisar a

composição dos textos multimodais, deve-se considerá-los como um produto de vários recursos semióticos e, conseqüentemente, estes podem ser analisados separadamente ou em conjunto, suas partes vistas como interagindo ou afetando as outras.

Cognição, sociedade e discurso segundo a vertente sociocognitiva

Para van Dijk (1997), há uma inter-relação entre três categorias para uma análise crítica do discurso: Sociedade, Discurso e Cognição, pois uma se define pela outra. Nesse sentido, todas as formas de cognição social e individual são construídas no e pelo discurso, em uma dialética, na medida em que o social guia o individual e este modifica aquele. A sociedade é constituída de grupos sociais que se diferenciam entre si pelas suas cognições sociais.

Segundo Silveira (2009), a ideologia e a cultura são conjuntos de valores contidos nas crenças sociais. A diferença entre elas é que a cultura compreende um conjunto de crenças cujos valores são construídos socialmente pelo vivido e experienciado pelas pessoas; e ideologia compreende um conjunto de valores imposto pelo poder aos grupos sociais com o objetivo de marginalizar pessoas e grupos sociais para haver a manutenção do poder.

Desde que as formas de conhecimento são construções mentais, elas são produzidas na memória de trabalho de longo prazo e armazenadas na memória das pessoas. Kintsch e van Dijk (1983) tratam das estratégias de compreensão discursiva, a partir do modelo de memória por armazéns que diferencia as memórias de curto, de médio e de longo prazo.

O discurso é definido como uma prática social, selecionada pelo grupo social, cujos textos-produtos estão em uso. Van Dijk (1997), ao inserir a categoria Cognição na inter-relação das categorias Sociedade e Discurso, para a ACD, afirma que todas as formas de conhecimento são construídas no e pelo discurso.

Cabe destacar que os discursos públicos são definidos como prática social e esquematizados por um contexto discursivo mental que se define por participantes, suas funções e suas ações. Para van Dijk, sem a intenção de definir cada uma delas, há três categorias para analisar de forma crítica os discursos públicos: Poder, Controle e Acesso.

Corpus

A partir dos objetivos propostos, o *corpus* selecionado, a título de exemplificação, constitui-se por intertextos: uma pintura intitulada “*Three young men and a black woman*”, de van Couwenbergh, (1632), e uma capa de revista, as quais remetem à época da escravidão. Em relação à capa de revista, utilizada como uma imagem publicitária, retirada da revista impressa *História em Foco*, da Editora Astral, cuja matéria de capa versa sobre a “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça”, ela é composta por uma pintura do artista Jean-Baptiste Debret, intitulada *O jantar* que remonta uma cena do século XIX. Essa revista é de divulgação científica que se define pela intersecção do discurso científico com o discurso jornalístico e o propagandístico. Cabe mencionar que no que diz respeito ao discurso jornalístico, tem-se a manchete “História da Escravidão” e a linha fina “Da África ao Brasil, a rota da injustiça”. No discurso propagandístico, a manchete e a linha fina são utilizadas como foco de atração do leitor, atraindo o interlocutor para ser consumidor da revista.

Nos intertextos: uma pintura e uma capa de revista que remetem à época da escravidão

Neste item, são apresentados os resultados das análises de textos construídos com imagens e cores presentes em pinturas de Vamhagem e Debret, grandes artistas em suas épocas, como. Essas pinturas retratam a crueldade com os escravos africanos.

Os intertextos foram selecionados de pinturas e capas de revistas relativas à época histórica da escravidão, tratada por Gilberto Freyre; as pinturas são construídas por imagens e cores, ao passo que as capas de revistas são multimodais, ou seja, representadas por imagens, cores e o verbal.

I. Pintura com imagem e cor

Apresenta-se a pintura antes mencionada, a título de exemplificação:

O papel da negra escrava e sua representação como objeto sexual no nordeste patriarcal-escravocrata.

Figura 1 – Pintura *Three young men and a black woman*, de van Couwenbergh, 1632



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8e/Christiaan_van_Couwenbergh_-_Three_Young_White_Men_and_a_Black_Woman_-_WGA5568.jpg

O texto imagético selecionado é formado por imagem e cor. A imagem tematiza o abuso e o sadismo sofrido pela mulher negra no Brasil colonial e disponibilizada no site: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8e/Christiaan_van_Couwenbergh_-_Three_Young_White_Men_and_a_Black_Woman_-_WGA5568.jpg.

Para melhor trabalhar a imagem, como intertexto, recorre-se a fragmentos do texto-base, conforme exposto a seguir.

Fragmento I

“A maioria era usada como exclusivamente animais engordados nas senzalas para gozo físico dos senhores e aumento do seu capital-homem.” (FREYRE, 2006, p. 516)

Fragmento II

“O que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com sua docilidade de escrava; abrindo as pernas ao primeiro desejo do sinhô-moço. Desejo não, ordem.” (FREYRE, 2006, p. 456)

Fragmento III

“Ninguém nega que a negra ou mulata tenha contribuído para a precoce depravação do menino branco da classe senhoril (...).” (FREYRE, 2006, p. 457)

Na composição da imagem, há à esquerda o sabido, que é a depravação dos filhos do senhorio. Centralizado para a direita está o abuso realizado pelos homens. Nota-se a violência sexual dos rapazes que se utilizam da escrava como objeto sexual. As cores claras dão saliência, à fisionomia sádica dos rapazes. As roupas na cama marcam o local do sacrifício da escrava. O novo é a negra que tenta reagir diante da situação que lhe é imposta. A imagem está ancorada na crueldade praticada com os escravos negros africanos.

Gilberto Freyre retrata a escrava representando o papel de instrumento de prazer sexual para os filhos de senhor de engenho, porém isso não é tratado com sadismo e crueldade.

Em *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre faz uma interpretação da sociedade escravocrata brasileira, sobretudo, na região Nordeste, e analisa a circunstância econômica da formação patriarcal. O papel da negra escrava e como ela era vista e tratada é um dos pontos para reflexão e análise, sobretudo no que se refere à exploração sexual. Freyre aponta ainda o intercuro sexual entre o senhor e a mulher negra escravizada como uma questão que permeia a situação desfavorável à mulher.

Um ponto indispensável para entender o estigma da mulher negra a partir da objetificação sexual era o fato colocado por Gilberto Freyre de que os meninos, filhos de senhores, eram muitas vezes iniciados sexualmente com negras e mulatas. Faz referência às tradições rurais, segundo as quais, até mães mais desembaraçadas empurravam para os braços dos filhos já querendo ficar rapazes e ainda donzelos, negrinhas ou mulatinhas, Freyre (1933).

Justifica-se esse comportamento pela influência social dos filhos de famílias escravocratas, pois dada a condição de senhor, cercado de escravos e “animais dóceis”,

induzia-os à bestialidade e ao sadismo. Dessa forma, essa atmosfera criava condições favoráveis ao que Freyre coloca como sadismo.

Freyre destaca ainda o ponto de vista da casa-grande, que atribuía às mulheres negras da senzala a depravação precoce do menino. Na obra, a negra escrava ainda é citada por alguns publicistas e cientistas brasileiros como uma influência perniciosa, que corrompia os filhos brancos, considerada, ainda, como a que corrompe os costumes e a moral dos filhos de seus senhores. A escrava negra sofria, além da violência física e sexual, a violência expressa em assédio moral e cinismo. Corruptora, diz-se, geralmente, que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família. Mas essa corrupção não foi pela negra que se realizou, mas pela escrava.

A negra escrava não servia apenas para iniciação sexual; mas ao longo da vida os senhores encontravam na mulher negra uma amante, mesmo contra a vontade de sua mulher. Não cabia à negra escrava outra coisa senão a condição de ser reprimida pelo homem, o seu senhor. A mulher escravizada era vítima também do ciúme e da inveja da senhora branca, o que resultava em mais ações violentas. A maioria era usada, nas palavras de Gilberto Freyre, como “exclusivamente animais engordados nas senzalas para gozo físico dos senhores e aumento do seu capital-homem” (FREYRE, 1933, p. 516). Essa constante sexualidade povoava a colônia, pois a parte mais produtiva da propriedade escrava era o ventre gerador. Assim, ainda nas palavras de Gilberto Freyre, não há escravidão sem depravação sexual (FREYRE, 1933).

Nesse sistema escravocrata, na maioria das vezes, havia violência e até estupro nas relações sexuais miscigênicas. Por ser dono dos escravos, o senhor de engenho sentia-se totalmente responsável por eles e no direito de fazer o que quisesse. Isso incluía a utilização das negras como mero elemento sexual e para exclusiva satisfação do prazer pessoal.

Dessa forma, as escravas negras eram convertidas em objeto sexual nas mãos de seus senhores, gerando filhos que eles não reconheciam e, portanto, também considerados escravos. Prado Júnior afirma que “a mulher escrava (...) não ultrapassará o nível primário e puramente animal do contacto sexual, não se aproximando senão muito remotamente da esfera propriamente humana do amor, em que o ato sexual se envolve de todo um complexo de emoções e sentimentos”. (PRADO JÚNIOR, 1971, p. 343).

As esposas brancas eram usadas apenas para reprodução, enquanto as escravas serviam para a satisfação dos verdadeiros desejos. Os mulatos gerados dessa violência no calor tropical eram aproveitados na lavoura, o trabalho braçal era considerado algo desprezível pelos rapazes brancos.

Nas palavras de Freyre, nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelões. Nas palavras de Freyre, o que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com sua docilidade de escrava: abrindo as pernas ao primeiro desejo do senhor-moço, desejo não, ordem.

Note-se que não há afetividade presente na obra de Gilberto Freyre, mas apenas um sentimento de pertença. Consoante o mesmo autor, não era o negro o libertino, mas o escravo a serviço do interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores.

Em alguns casos, os senhores chegavam a adotar escravas como suas amantes habituais para prática sexual regada à violência e à obrigação de atender à vontade do senhor. De acordo com o comentário de Vainfas, ao comentar a respeito dessas relações sexuais, observa:

Misoginia e racismo, eis o tempero das relações pluriétnicas da colonização lusitana no Brasil, malgrado o empenho de Gilberto Freyre em adocicá-las. A tais enlances sexuais não faltaram ardor e mesmo afeto (...). Mas ao padrão pluriétnico da sexualidade colonial, fiel às hierarquias, não faltaram também a humilhação das mulheres, os estigmas raciais de todo tipo (...). Não faltou, enfim, a violência física, combinada à exploração da miséria, traços essenciais do colonialismo escravocrata e das práticas de poder no Antigo Regime (VAINFAS, 1997, p. 241).

Nas palavras de Prado Júnior:

a casa-grande (...) dá lugar à promiscuidade com escravos, as facilidades que proporciona às relações sexuais irregulares e desbragadas, a indisciplina que nela reina, mal disfarçada por uma hipócrita submissão, puramente formal, ao pai e chefe, tudo isto faz a casa-grande ser antes uma escola de vício e desregramento, apanhado a criança desde o berço, que de formação moral (PRADO JÚNIOR, 1971, p. 351).

Muitos homens, não podendo ter relações descompromissadas com as moças brancas de família, se deleitavam à custa da prostituição da negra. Prostituição na visão dos brancos e corruptores da época, sendo a negra, além de vítima, violentada e usada como objeto, caracterizada pela depravação do outro como aquela que praticava a prostituição.

A representação da negra escrava como objeto sexual, corruptora da moralidade e dos bons costumes, falsamente pregados e empregados no período patriarcal

escravocrata, pautava-se em uma relação de exploração, subserviência e verdadeiros abusos sexuais seguidos de sadismo praticados pelos senhores e outros ilustres representantes sociais, inclusive eclesiásticos, como bem coloca Chiavenato (2012).

Por meio da composição e análise do verbal com o visual, representado na imagem de van Couwenbergh, evidencia-se a relação das negras escravas com seus senhores como objetos disponíveis aos prazeres e desmandos de seus donos, pois as negras escravizadas estavam desprotegidas e subjugadas às vontades dos homens sob o amparo das leis e do consentimento por parte da classe dominante. Assim, uma família patriarcal que acolhia seus escravos como membros da família escondia as manifestações sádicas dos homens sobre as mulheres negras.

Essas representações são ideológicas, na medida em que discriminam socialmente a figura da negra escravizada e coisificada: a) pela classe que manipula e legitima o poder econômico, político e ideológico; b) pelos papéis desempenhados pelas negras escravas ocupando um lugar de humilhação, servidão, obediência e mero objeto sexual para satisfação do prazer pessoal. Não apenas por prazer, mas para procriação e interesse na parte mais produtiva da propriedade escrava: o ventre gerador.

A vontade senhorial era incontestável. Nem mesmo sua família poderia contrariar seus atos, impedi-lo de ter quantas amantes quisesse ou abusar das escravas. O abuso sexual e sentimento de pertença também serviram como um dos sustentáculos da família patriarcal e, por extensão, da sociedade brasileira, pois dessa forma o colono português teria dado conta de ocupar a terra com uma prole mestiça, garantido, assim, o sucesso do empreendimento colonial.

Cabe ressaltar que o papel exercido pela escrava negra permite entender que por muito tempo ela sustentou a castidade da mulher branca e foi usada para garantir o primeiro ato sexual dos meninos. Atribui-se ainda, às negras, a culpa pelos atos impostos e acusações como: depravadas por aliciarem os garotos do engenho, meretrizes que se relacionavam com os homens de família, entre outros termos.

Dessa forma, inúmeras gerações resultaram da miscigenação, fruto de abusos do negro com o branco, frutos dos abusos sexuais praticados desde os sinhozinhos aos grandes senhores de engenhos e representantes outros da sociedade patriarcal da época. Essa relação social, criada no cenário da escravidão, imortalizou a representação da negra escrava como objeto sexual de atração e procriação tanto nas imagens quanto no verbal no período escravocrata.

A representação do negro no regime escravocrata brasileiro em texto multimodal

No que se refere ao texto multimodal, o material a ser analisado é constituído de uma das capas de revista *História em Foco*, publicada em 2017, cujo texto-de verbo-visual é composto pela obra *O jantar*, de Jean-Baptiste Debret (Figura 2), tematizada pela escravatura brasileira, cuja capa é composta por um texto multimodal.

Na perspectiva historiográfica, os produtores da revista estão se referindo a qualquer sistema escravocrata brasileiro, no intertexto eles citam Debret por ter retratado cenas pitorescas da época escravocrata no Brasil. Assim, ao analisar a composição dos textos multimodais, deve-se considerá-los como um produto de vários recursos semióticos e, conseqüentemente, esses podem ser analisados separadamente ou em conjunto, suas partes vistas como interagindo ou afetando as outras.

Figura 2 – Pintura *O jantar*, de Debret, publicada como capa da revista *História em foco*



Fonte: Revista *História em foco*. Disponível em: www.loja.editoraastrol.com.br

No texto exemplificado, a composição espacial segue a distribuição das imagens e cores com o verbal. O texto multimodal selecionado é construído com o

quadro, a “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça”, que está disposto no centro da página; acima e abaixo da imagem, nesse quadro, está o texto verbal. Segundo Kress e van Leeuwen (1996), no aspecto composicional, o que está em cima representa o “ideal”; o que está em baixo, o concreto, o “real”. Nesse caso, o ideal está presente em “Da África ao Brasil, a rota da injustiça”. E o concreto está em “Desigualdade social”, que veio historicamente da relação dos senhores e escravos.

A capa da revista é construída por meio da estratégia argumentativa de apresentar o sentido mais global que agrupa todos os textos publicados: “História da Escravidão”. Trata-se de uma revista de historiografia, e o produtor utiliza a imagem de Debret, que está modificada pelo historiógrafo, e passa a representar, também pela intertextualidade, a escravidão como injustiça; violência, que causa desigualdade social sofrida pelo negro escravo no Brasil e produziu, durante todo tempo da escravidão, uma sinistra herança do regime escravocrata, a prática de preconceitos sofrida pelo negro ainda na atualidade.

O texto tomado é multimodal historiográfico e apresenta a sua composição com os intertextos artísticos e historiográficos. O visual é artístico e o verbal é historiográfico. O presente texto imagético é contraditório em relação ao texto verbal. No alto, o produtor apresenta como manchete a diferença entre as lexias “História da Escravidão”, seguidas de linha fina com informações históricas da escravatura. No centro está situado o segmento 1: “A violência no cativo – Os abusos dos senhores eram tolerados pelas autoridades”. As várias atrocidades e perversidades sofridas pelos negros africanos no Brasil eram legitimadas e praticadas pelos seus senhores, pela igreja e demais autoridades que faziam parte da estrutura social da época.

Embaixo, segundo Kress e van Leeuwen, está situado o concreto, ou seja, fatos ocorridos e vivenciados socialmente, apresentados no segmento 2: “Desigualdade Social”. Aos negros escravizados as várias imposições como o trabalho árduo, chegando a 18 horas por dia, maus-tratos, castigos de todos os tipos e relegados à condição de animais, usados e abusados por meio de sua força produtiva, por meio da procriação, para engordar o capital do senhor, objetos sexuais e fadados a morrer em tais condições sem esperança da tão sonhada liberdade. Dependendo do papel social atribuído na estrutura social, o negro pode ser representado com valor positivo ou negativo, mas sempre inserido e representado como símbolo da desigualdade social.

Já o segmento 3: Explicita a relação do regime escravista e a condição dos negros escravizados trazidos para o Brasil. “A sinistra herança do regime escravista mantém os afrodescendentes brasileiros à margem de seus direitos”. Embora o regime tenha teoricamente sido extinto com a assinatura da Lei Áurea, em 1888, o racismo perdura em suas várias faces e formas de representação. O substantivo “herança” pode ser analisado pela perspectiva positiva e negativa a partir do ponto de vista do analista. Contexto 1: como valor positivo, em se tratando das várias contribuições afro na construção e no desenvolvimento cultural, linguístico, físico, gastronômico e social, ou seja, como uma das bases da constituição da sociedade brasileira. Contexto 2: como valor negativo, considerando o olhar e a concepção racista enquanto depreciador da cultura e dos bons costumes, corruptores da moral e da família, vistos, ainda, como sujeitos transgressores de toda ordem.

Todos os segmentos que se encontram abaixo, na página, representam o concreto, ou seja, o acontecido, experienciado e vivido pelos brasileiros. O produtor do texto usa a estratégia de redução e expansão de informações para construir para o seu público-alvo os sentidos mais globais que pretende que o leitor construa. Trata-se, portanto, de uma estratégia persuasiva para levar o outro a aceitar a opinião do editor da revista de divulgação científica que se define pela intersecção dos discursos da história, do jornalismo e da propaganda.

- o discurso da história, científico, tem por macroato de fala <<fazer saber>> as descobertas da pesquisa científica;
- o discurso jornalístico, tem por macroato de fala <<construir a opinião para o público>> a respeito da escravidão no Brasil;
- o discurso propagandístico tem por macroato de fala <<fazer o interlocutor ser consumidor>> da opinião e comprar a revista.

A argumentação, no texto multimodal exemplificado, é orientada por esses três macroatos de fala inter-relacionados, de forma a provocar o consumo da revista de circulação nacional, ao mesmo tempo em que se consome a opinião do editor e a descoberta realizada por historiógrafos. Em sua composição, no alto da imagem, há o título “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça” que, em síntese, são os segmentos verbais que se encontram na margem inferior da capa da revista e na margem superior, na linha vertical, apresentam uma unidade semântica.

Estrategicamente, ao se trazer para a página de rosto os segmentos analisados acima, o produtor dessa multimodalidade argumenta para seduzir o interlocutor/leitor a ler o conteúdo da revista, pois cada um dos segmentos apresenta um resumo dos principais capítulos que compõem o volume dessa revista.

Em outros termos, os segmentos mencionados são organizados pelos moldes do texto jornalístico: manchete e linha fina. Para que haja a construção da opinião, o texto guia o leitor na construção dos sentidos pela manchete e pela linha fina, de forma a construir argumentativamente sua opinião para o leitor. Assim, a linha fina é um texto produzido pelas pessoas do corpo da revista e ao construí-lo é transmitido algum valor opinativo. A opinião é uma forma de conhecimento que tem valor positivo ou negativo na composição do texto para o leitor. A linha fina progride o texto da manchete de forma a persuadi-lo a ler no texto expandido aquilo que o editor deseja.

A argumentação e a disposição espacial “no centro”

No centro, está situada, em toda a dimensão da página, o quadro de Debret. Este é expresso pela pintura por meio de imagens e cores distribuídas na linha horizontal de forma a expressar o “dado” e o “novo”.

Segundo Kress e van Leeuwen (1996), à direita, na composição da imagem, situa-se a informação nova, nesse caso, constitui-se pela omissão a todo e qualquer comportamento praticado pela esposa do senhor de engenho, bem como qualquer posicionamento ou conduta negativa e esta é construída argumentativamente por uma saliência em relação ao fundo. À esquerda, o “dado”, nota-se uma negra escrava no papel de mucama abanando sua senhora que está sentada e vestida ricamente, muito bem adornada com colar, pulseiras, arranjo no cabelo e um leque em suas mãos, dando comida a uma criança negra e sem roupa, deixando entender uma relação confraternizante entre senhores e escravos.

À direita, há, ainda, dois negros, em ricos trajes – o que os diferencia dos negros da senzala – postados em posição servil, a serviço do luxo de seus senhores. Na imagem, os senhores estão jantando, sentados nos dois principais lados de uma mesa adornada com taças, pratos, talheres, alimentos e forrada com uma toalha de cor clara e também adornada.

O que está em primeiro plano na imagem são os negrinhos porque a partir deles são construídos os discursos “História da escravidão” e “Desigualdade Social”. Os dois negrinhos estão sem roupa, um em pé e o outro sentado no chão, comendo tranquilamente, participando do jantar, autorizados pelo senhor. Segundo Debret, era normal a mulher se distrair com os negrinhos que substituíam os “doguezinhos”, ou seja, os cachorros. Nota-se ainda o aspecto físico das crianças, elas têm uma barriga muito saliente, indicando, possivelmente, um quadro de verminose.

Os senhores são representados na imagem como senhores paternais e não como senhores injustos. Os negrinhos estão comendo com os patrões. Pode-se dizer que um aspecto negativo no quadro é a nudez das crianças, tratadas como objetos, animais de estimação. Como dito, os negrinhos participam do jantar por consentimento do senhor. A senhora age de modo maternal, pois ela dá comida do prato dela para uma das crianças e mostra que, embora maternalmente tratadas, eram injustiçadas e diferenciadas. Trata-se de uma casa de senhores de tradição e com poder aquisitivo.

O olhar da senhora estabelece uma transitividade com a criança negra. Esta, por sua vez, não estabelece reciprocamente a mesma transitividade, a relação da criança negra para com a sua senhora se dá pela linha do braço estendido ao receber o alimento. O negro que está mais centralizado na imagem, de pé e com os braços cruzados, estabelece uma transitividade com seus senhores e tem a função de servir a mesa. Possivelmente seu olhar está, também fixo, na comida posta, por sentir-se faminto ou mal alimentado. Os sujeitos representados na imagem não estabelecem transitividade com o leitor. A fisionomia do negro que está encostado na porta de braços cruzados é uma fisionomia séria, este tem a função de ponte entre a cozinha e a sala de jantar. Já o senhor está de cabeça baixa, concentrado em sua atividade e não estabelece transitividade com os demais integrantes da imagem.

A saliência está presente nos dois senhores. Na dimensão central da imagem, os dois negrinhos compõem o primeiro plano e negam os dizeres “Violência no cativeiro” e confirmam a “injustiça” e a “Desigualdade Social”. Isso explica a escolha do quadro e não outro para justificar as palavras “injustiça”, “violência”, “abuso”, “desigualdade” e “sinistra herança”.

No implícito, a desigualdade está presente na possibilidade de os negrinhos serem filhos do senhor com sua escrava, pois, na imagem, apenas os negrinhos não estão vestidos, permanecendo à margem de “seus direitos”. A cena focaliza, ainda, a

distinção entre quem são os senhores e quem são os cativos, sendo a cor um dos principais aspectos. Esses negros cativos, embora considerados inferiores, faziam parte da família. Os senhores, ao contrário dos negros, assumem uma postura de autoridade.

Os contextos no anúncio publicitário

Desde que se insira a categoria Cognição às categorias Sociedade e Discurso, todos os contextos são entornos mentais projetados no processo das informações do texto-produto, enquanto formas de representação mental, ou seja, formas de conhecimento sociais e individuais. Dessa forma, os sentidos produzidos são dependentes dos contextos ativados da memória de longo prazo para a memória de trabalho, a partir da percepção de como o texto multimodal está composto, a fim de serem produzidos os sentidos. No texto exemplificado, é possível, a partir de sua composição, situar os seguintes contextos: social, cognitivo e histórico.

O contexto social é formado pelos grupos sociais selecionados de fontes que compõem as cognições sociais. No quadro de Debret, o contexto social brasileiro é relativo ao ano de 1827, período posterior à Proclamação da Independência, datada em 1822. O ano de 1827 também é marcado pela Lei de Primeiras Letras, aprovada pelo Império, e pela de 7 de novembro de 183, promulgada a Lei Feijó, que proibia o tráfico de escravos conhecida como a famosa “Lei para inglês ver”, que embora existisse, não dava condições de sobrevivência ao negro fora da casa de seu senhor, por isso ele se mantinha naquele espaço, na mesma subserviência e escravidão total.

As identidades dos papéis sociais do negro são modificadas, pois são representados pela escravidão, que é, por sua vez, representada pelos papéis de servidão e de subserviência mantidos ao longo de séculos pelo sistema escravocrata brasileiro que tem o negro como objeto de compra e venda. Mantém-se, ainda, uma relação entre os membros internos, os dominados, que obedecem ao poder, e os membros externos, que dominam e manipulam o poder. A representação do negro é ideológica, pois tem valor negativo extragrupal na sociedade brasileira, cujas raízes históricas situam-se no discurso histórico e político, de modo a garantir e manter as cognições sociais.

O contexto cognitivo é composto pelas crenças sociais e pela audiência, de forma a produzir um entorno relativo às identidades sociais e suas relações entre as pessoas. Segundo as cognições sociais, ideologicamente, a escravidão é representada

com valor positivo por aqueles que a defendiam e a praticavam e, com valor negativo por aqueles que reprovavam tal prática, propiciando a sua discriminação social. Nesse texto, há, portanto, uma relevância, com alto grau de informatividade, que obriga o interlocutor a mudar o seu contexto cognitivo que vinha sendo construído com os conhecimentos sociais ativados da memória de longo prazo: o verbal e o visual representam um momento do sistema escravocrata brasileiro ao apresentarem a imagem retratando os papéis sociais desempenhados pelos negros em um quadro de Debret ao retratar o jantar no século XIX. Dessa forma, o contexto cognitivo cria o entorno para definir os modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso: a função textual do tema, a “História da Escravidão – Da África ao Brasil, a rota da injustiça” e outros comentários como “A sinistra herança do regime escravista mantém os afrodescendentes brasileiros à margem de seus direitos”.

O contexto histórico é construído com a ativação de conhecimentos que situam cronologicamente os eventos no mundo. O tempo cronológico selecionado é o período da escravidão no Brasil, tendo por cenário a violência no cativo e a desigualdade social.

Considerações finais

A escravidão é uma das maiores vergonhas já testemunhadas pela humanidade. No Brasil, sob o mandonismo de cruéis senhores, o negro, ao longo de 400 anos, em qualquer papel social que desempenhasse, suou e sangrou ao longo de sua breve e limitada existência. As atrocidades sofridas pelos negros africanos iniciavam com a logística do tráfico, passando por todo o processo de terror e se estendendo ao preconceito e à discriminação racial, resultando nas desigualdades sociais.

Os resultados das análises apresentadas indicam que a representação do negro, a partir das imagens trabalhadas, é uma relação de exploração e subserviência, ficando evidente, por meio da composição do verbal com o visual, o seu papel social naquele período, evidenciando a desigualdade social. Essas representações são ideológicas, na medida em que discriminam socialmente a figura do negro escravizado e coisificado: a) pela classe que manipula e legitima o poder econômico, político e ideológico; b) pelos papéis desempenhados pelos negros escravos ocupando um lugar de humilhação, servidão e obediência.

Os resultados apresentados indicam, também, que os elementos selecionados pelo produtor participam de sistemas sociais de cognição (simbólico, interacional e enciclopédico), armazenados na memória de longo prazo das pessoas, após terem sido processados por elas. Todavia, é necessário considerar que a ativação do armazenado nem sempre é consciente, pois a ideologia do poder, que tem acesso ao público, pelos discursos, passa a dominar a mente das pessoas, levando-as a sustentar essa ideologia por sua reprodução textual, no e pelo discurso, por meio de argumentos de persuasão.

As imagens selecionadas nos intertextos são complementadas com texto verbal para a representação e reprodução do negro como uma relação de exploração e subserviência ficando evidente, por meio da composição do verbal com o visual, o seu papel social naquele período evidenciando a desigualdade social.

Os resultados obtidos indicaram, também, que Gilberto Freyre, ao cancelar a crueldade e a exploração excessiva da mão de obra escrava, projeta o ponto de vista conservador e escravocrata e o faz, pois sua obra está ancorada na sua intenção de tratar das origens miscigenadas da cultura brasileira, construindo, assim, o mito da sensualidade da negra, bem como projeta o ponto de vista dos senhores de engenho ao tratar da escravidão, sendo, portanto, um conservador escravocrata.

Em síntese, na interação comunicativa entre as pessoas, todas as práticas sociais e os textos estão inter-relacionados, de algum modo, às formas de conhecimento, às representações mentais sociais e individuais que são crenças originadas no social. Logo, são as representações que guiam as ações das pessoas no mundo, tanto para manter quanto para modificar, dinamicamente, a memória social. Os dados apontados abrem novas perspectivas de pesquisa para se tratar de outros gêneros discursivos que utilizam textos multimodais para a sustentação do preconceito racial no Brasil.

Referências

- CHIAVENATO, Julio José. O negro no Brasil. São Paulo: Cortez, 2012.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Global, 2006.
- História em Foco: História da Escravidão, Ano 2, número 3, abril. 2017. Disponível no site www.loja.editoraastral.com.br.

KINTSCH, W; van DIJK, T. *Strategies discursive comprehension*. London: Academic Press, 1983.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnould, 2001.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.

PRADO JÚNIOR, C. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1971.

SILVEIRA, R. C. P. da. Um novo olhar para as narrativas de humor: os sentidos no cotidiano e na cultura. In: PIRES, Leda Corrêa; BEZERRA, Antônio; CARDOSO, Denise (org.). *O texto em perspectiva*. Aracaju: UFA, 2009.

THOMPSON, John B. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

VAINFAS, Ronaldo. *Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista*. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo : Companhia das Letras, 1997. v. 1.

VAN DIJK, T. *Racismo y análisis crítico de los médios*. Madrid: Paidós, 1997.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267